KIMBARRY: dar lugar às coleções na vida quotidiana

Por vezes, o projeto de uma cave de vinhos começa por puxar uma cadeira para trás.

Na ilustração do espaço da cave privada de Yinhu, em Shenzhen, publicada pela KIMBARRY, as garrafeiras de madeira acompanham as paredes e uma mesa comprida com tampo de pedra ocupa o centro. Na imagem, cada elemento parece ter o seu lugar. Mas, ao afastar uma cadeira, surgem as perguntas: depois de alguém se sentar, ainda se consegue passar por trás? Para tirar uma garrafa da estante, será preciso pedir a quem está à mesa que se desvie? A pessoa sentada vê uma parede inteira de vinho ou uma luz demasiado intensa por cima do tampo?

Uma perspetiva geral não responde a estas questões. É preciso voltar às dimensões da planta, considerar os encostos, as portas dos armários e os corredores, e imaginar onde as pessoas estarão e o que farão quando o espaço estiver em uso. É fácil reconhecer uma garrafeira bonita; o difícil é fazê-la funcionar com uma divisão e com a vida de quem a utiliza.

Esta é também uma forma simples de compreender a KIMBARRY. A marca começou por fabricar garrafeiras e organizar a exposição de vinhos, alargando gradualmente o trabalho às caves, aos espaços de coleção privada e à apresentação comercial. Uma fila de estantes resolve onde guardar as coisas; um espaço de coleção privada exige ainda decidir quem o utiliza, como retira os objetos, como os apresenta e como assegura a manutenção após a entrega. A KIMBARRY procura pensar todas estas questões em conjunto.



Cave privada de Yinhu, Shenzhen · Ilustração do espaço baseada no catálogo histórico

Começar por uma garrafeira e aprender a compreender uma divisão

Para expor vinho, é preciso começar por compreender as garrafas. Quais podem ficar alinhadas, quais precisam de mais largura e quais têm rótulos que merecem ficar voltados para quem observa? Numa loja, aquilo que se vê à entrada e aquilo a que se consegue chegar junto da estante são questões diferentes. A utilidade de uma garrafeira depende das dimensões da marcenaria, mas também de quem a utiliza e de onde está instalada.

No início, a KIMBARRY apresentou vários projetos sob o nome «Oficina KIMBARRY». Uma compilação cuja página de texto está datada de 2010 reúne espaços de vinho em diferentes localidades. Numa loja de Yunfu, a proposta combina pedra local e garrafeiras de pinho; expositores de vidro distinguem as garrafas apresentadas individualmente das filas de stock. Noutra loja, em Xuzhou, os diferentes níveis das estantes e uma disposição relativamente simétrica tornam a exposição compreensível logo à entrada. A mesma compilação inclui ainda uma cave subterrânea em Xiamen. Lugares diferentes pediam soluções diferentes.

Vistos em conjunto, estes projetos antigos mostram que o trabalho da oficina nunca se limitou à madeira e às garrafas. Uma loja precisa de orientar o olhar de quem entra, enquanto quem a gere tem de repor produtos todos os dias. Numa cave subterrânea, é necessário compreender primeiro as condições da divisão, os acessos e a forma de armazenamento. Uma pedra pode definir a textura visual de um expositor; junto de um corredor, a sua posição e as suas dimensões também influenciam a circulação. Quanto mais o trabalho avança, mais se percebe o que existe para além do armário.

Em 2011, num antigo texto de projeto intitulado «Como se constrói uma boa cave de vinhos?», a oficina abordava arte, cultura e tecnologia em conjunto. A arte traduzia-se em materiais, iluminação e proporções; a cultura, na forma como o proprietário compreendia, mostrava e partilhava a sua coleção. À tecnologia cabia uma pergunta mais simples: depois de construída, a divisão poderia ser utilizada como se imaginara? Em 2012, já havia uma publicação num fórum do setor do vinho a apresentar as garrafeiras KIMBARRY com acesso ao interior. Estes registos próximos no tempo mostram a passagem da oficina de peças de marcenaria isoladas para espaços completos.

Esse texto antigo descrevia também três abordagens muito diferentes: garrafeiras contínuas até ao teto; nichos de madeira embutidos na parede, em diálogo com tijolo à vista; e espaços vazios entre estantes. Reunidos na mesma página, os três estilos sugerem que a preferência da oficina não era por uma determinada cor de madeira, mas pela adaptação ao lugar. A quantidade a guardar, a circulação e a geometria existente devem ser decididas antes do nome de um estilo. É também por isso que vale a pena voltar a essas propostas.

2015: integrar no projeto a engenharia que não se vê

Segundo os materiais históricos da marca, 2015 foi um momento de nova transformação da KIMBARRY na tecnologia de armazenamento e nos serviços de espaço. A marca já tinha trabalhado em caves completas; a partir daí, o foco tornou-se mais claro: garrafeiras, portas, equipamentos de controlo ambiental e execução em obra não podem existir em desenhos que se desconhecem entre si.

Imagine-se alguém que pretende transformar uma divisão vazia da casa numa cave de vinhos. A primeira reação poderá ser medir uma parede e calcular quantas garrafeiras cabem. Mas, antes de desenhar, há outras perguntas: a porta da divisão vai colidir com a de um armário? Existe espaço para instalar o equipamento, mas também para o retirar em caso de avaria? Por que parede passarão as tubagens e os cabos, e em que fase da obra devem ficar previstas essas passagens? Uma pequena alteração na posição da porta pode obrigar a redesenhar armários e paredes. Muitas vezes, o problema surge na ligação entre dois elementos, e não num produto isolado.

Por isso, ao apresentar hoje os seus serviços de caves no site, a KIMBARRY trata em conjunto armários e estantes, envolvente, portas, controlo de temperatura e humidade, iluminação e coordenação da execução. A avaliação muda com a quantidade de vinho, a estrutura da divisão e as condições reais dos equipamentos. Algumas famílias precisam apenas de organizar claramente algumas filas de garrafas de uso frequente; outras caves privadas têm de reservar espaço para mais vinho, visitas ocasionais e futuras aquisições. Não é necessário preencher todas as paredes para tornar a fotografia mais impressionante.

Outra diferença está em desenhar também a manutenção. Os equipamentos de controlo ambiental continuam a precisar de cuidados depois de instalados. Se armários, paredes e equipamentos se bloquearem mutuamente, substituir uma peça poderá obrigar a desmontar acabamentos que nada tinham a ver com a intervenção. Reservar mais algum espaço de acesso técnico pode parecer uma perda de capacidade para algumas garrafas, mas cria uma possibilidade de intervenção futura. Para armazenamento de longa duração, esta escolha é mais útil do que a impressão imediata de um espaço completamente cheio.

Uma divisão destina-se a ser utilizada durante muito tempo. Madeira, pedra e vidro definem a primeira impressão; a abertura das portas, o alcance da mão e o acesso ao equipamento em caso de problema condicionam todas as utilizações seguintes. A KIMBARRY considera estas duas dimensões em conjunto e inclui-as nas questões a esclarecer antes da entrega.

Duas caves em Shenzhen, duas formas de utilização

Voltemos à cave privada de Yinhu, em Shenzhen. Na ilustração publicada no site a partir do catálogo histórico, a mesa não é um objeto colocado apenas para ocupar o centro. As estantes acompanham as paredes e a mesa comprida de pedra conduz o olhar para o meio. A distância entre ambas determina se ainda é possível circular depois de as pessoas se sentarem. Na mesma área, filas de corredores estreitos para retirar garrafas de pé poderiam permitir guardar mais vinho, mas criariam outra divisão e outra forma de utilização.

No espaço privado de coleção de vinhos de Shenzhen, a ilustração do catálogo histórico apresenta uma entrada em arco, vinho exposto atrás de vidro e plintos independentes para objetos. Para onde deve olhar primeiro quem entra? Onde vale a pena parar e observar, e onde deve continuar o percurso? Quem cuida da coleção pode abrir portas e retirar peças sem interromper a visita? Nesta disposição, há grupos de objetos expostos em conjunto e outros com um lugar próprio.

O interesse destas duas propostas está em não partilharem um único «modelo de cave privada». A mesa de Yinhu convida a permanecer; os expositores do espaço de coleção orientam o olhar de peça em peça. Uma proposta começa por acomodar as pessoas à mesa; a outra, por organizar a sequência da visita. Mudar apenas a cor da madeira, mantendo o mobiliário e os percursos, produziria duas versões do mesmo espaço.

Quando a KIMBARRY fala de personalização, são estas decisões que importa observar. Que vinhos são retirados no dia a dia, e é necessário identificar as garrafas de imediato? Que peça se pretende mostrar sem que fique ao alcance de todas as pessoas que passam? As respostas alteram a profundidade dos armários, a altura das prateleiras e a direção da luz.

Depois de 2019, do vinho à arte e aos objetos

Em 17 de setembro de 2019, realizou-se um fórum de iluminação da Hunan Design Power no centro Red Star Macalline de Pinghu, em Shenzhen. A reportagem do evento inclui «KIMBARRY 金巴莉尊藏» entre os apoiantes. Os materiais históricos da marca também identificam 2019 como um momento de expansão das caves para o armazenamento de arte. Observados no mesmo ano, um é um evento público dirigido a profissionais de projeto e o outro é uma ampliação dos serviços da marca. O fio comum é a exploração de diferentes relações entre iluminação, exposição e espaço para responder a diferentes coleções.

Uma garrafa pode alinhar-se com outras do mesmo lote; uma pintura precisa de espaço para alguém recuar alguns passos e a observar. Por vezes, a textura de um objeto só se revela quando a luz chega de lado. Ao mudar o objeto da coleção, as soluções habituais de uma cave não podem ser simplesmente transferidas. É necessário reconsiderar tudo, desde os reflexos no vidro à estabilidade da parede que recebe um quadro e ao espaço de manobra para entrada e substituição das peças.

Na imagem de projeto da galeria privada de Hunan publicada no site, algumas obras estão suspensas e outras apoiadas horizontalmente, com espaço à volta para parar e circular. Vale a pena observar a relação entre as paredes e os tampos: o olhar acompanha os quadros e baixa depois para os objetos. Se tudo fosse exposto numa só linha e sob a mesma luz, mesmo peças cuidadosamente escolhidas poderiam competir entre si. Distribuir os momentos de observação dá a cada uma a oportunidade de ser vista com atenção.



Galeria privada de Hunan · Visualização de projeto

E se, na estação seguinte, o proprietário quiser colocar um quadro maior? Será possível transportá-lo pelo percurso habitual, apoiá-lo provisoriamente num tampo limpo e posicionar-se de modo a trabalhar junto à moldura e à parede? Pendurar e retirar são operações diferentes. Esclarecer antecipadamente a duração da exposição, as dimensões das obras e a forma de as mover permite que o espaço acompanhe a coleção, em vez de acomodar apenas o conjunto atual.

Neste ponto, uma «coleção privada» não tem de significar guardar tudo fora da vista. O proprietário pode decidir que peça permanece visível, que conjunto fica resguardado, o que mostrar aos visitantes e o que retirar apenas quando necessário. Há exposição e arrumação, lugares para os objetos e espaço para as pessoas os observarem e tratarem. É esta capacidade de organização que a KIMBARRY prolonga ao passar das caves aos espaços de coleção privada.

A mesma competência de execução pode assumir formas muito diferentes

Na imagem de projeto da cave da Xiexin Residence, em Chongqing, a primeira coisa que se nota é a abóbada de tijolo; só depois surgem as estantes de madeira que acompanham os dois lados. A abóbada já conduz o olhar para o fundo, pelo que as estantes não precisam de decoração excessiva. Importa estudar como a madeira se adapta às variações das paredes, como se conserva espaço para retirar garrafas em ambos os lados e se a luz destaca a textura do tijolo ou a prateleira procurada. Quando estas relações são bem resolvidas, a forma existente da divisão torna-se parte da proposta.

Na imagem de projeto do armário de vinhos à medida para um hotel de Zunyi, os protagonistas já não são a madeira e o tijolo. Junto à zona de refeições, o armário combina estruturas metálicas e vidro. Quem passa vê o interior, mas a equipa utiliza-o de outra perspetiva: em que prateleira ficam os produtos mais pedidos? A porta aberta estreita a passagem? A reposição exige contornar os clientes? Aqui, o sentido de abertura das portas é tão importante como a apresentação.

Um espaço doméstico adapta-se aos hábitos do proprietário. Num hotel ou restaurante, é ainda necessário considerar mudanças de equipa, limpeza diária, reposição e circulação durante o serviço. Uma parede de vinho que se observa com calma numa moradia pode ser inadequada num local de

passagem frequente. Comparar estas duas propostas mostra o sentido da abordagem: os resultados visuais podem ser muito diferentes, mas o critério mantém-se. Primeiro compreende-se a utilização; depois decide-se o que deve ficar à vista e o que deve ser resguardado.

Um disco de chá, uma mala e um relógio pedem lugares diferentes

No site da KIMBARRY, há propostas específicas para vinho, charutos, chá, madeira de agar, arte, artigos de pele e vestuário, alimentos valiosos, equipamentos e objetos de precisão. Pertencem à mesma marca, mas não são colocados no mesmo tipo de armário. As diferenças são concretas: os gestos necessários para retirar cada objeto variam e, depois de guardado, também variam a luz, o ar e os objetos que o rodeiam.

No caso do chá, algumas embalagens são abertas regularmente, enquanto outras ficam guardadas por lotes que devem continuar identificáveis anos depois. Nem todas as paredes de uma sala de chá precisam de servir de exposição. Manter o chá de uso corrente à mão e as caixas ou lotes mais para o interior pode corresponder melhor a certos hábitos do que uma grande estante aberta. A madeira de agar exige ainda pensar na separação das peças, no espaço para embalagens e nos odores e na luz em redor. Exteriormente, poderá parecer mais um conjunto de armários de madeira; a organização interior não pode ser a mesma.

Com malas e vestuário, as questões voltam a mudar. Uma mala usada com frequência deve estar ao alcance da mão de manhã; objetos mantidos na embalagem original precisam de profundidade e altura suficientes; um casaco comprido não deve ficar dobrado na bainha quando está pendurado. Por vezes, é a altura da mala que determina as prateleiras; noutras situações, a roupa ocupa o lugar previsto para uma luz. Desenhar quadrados iguais não resolve estes gestos quotidianos. Deixar uma ou duas zonas ajustáveis pode ser mais útil do que preencher toda a parede.

Ao guardar alimentos valiosos, é necessário pensar na separação, na substituição das embalagens e na ordem de utilização dos lotes. Um projeto para charutos coloca outro problema espacial: como distribuir as caixas originais, os compartimentos individuais e a exposição; como articular equipamento e portas; e como fazer manutenção sem perturbar a organização existente. Todos são espaços de armazenamento, mas as formas de os utilizar são diversas.

Na proposta do site para uma coleção de equipamentos, existe uma bancada de organização além das estantes e vitrinas. Para quem gosta de fotografia, ela tem uma função própria: dispor corpos de câmara e objetivas antes de sair, escolher e colocá-los no saco; ao regressar, retirar o equipamento, organizá-lo e guardá-lo. Sem a bancada, os armários continuariam a conter os objetos, mas muitas operações teriam de ser feitas noutro lugar. Integrar esta sequência de gestos no projeto distingue um espaço de exposição de um espaço de coleção que funciona no dia a dia.

Todos estes trabalhos começam pelas mesmas perguntas: o que se pretende guardar, quem o retira habitualmente e se a coleção irá crescer. Antes de mostrar dez modelos de porta, é mais útil perceber a altura da maior caixa e onde ficará a próxima aquisição. Um armário cuja forma nasce destas respostas concretas pertence mais àquela casa do que um escolhido apenas num catálogo de estilos.

Da primeira medição à lista que fica depois da entrega

Muitas decisões de um espaço de coleção podem ser tomadas antes da fase final da obra. Enquanto paredes e tetos falsos não estão fechados e o pavimento não está definido, há margem para ajustar equipamentos, cabos e limites do isolamento. Depois de tudo fixo, deslocar alguns centímetros pode envolver outras especialidades. No site, a KIMBARRY descreve os seus serviços desde a conversa inicial e as condições do local até à proposta, ao desenvolvimento técnico, à coordenação da execução e à entrega. Sublinha a necessidade de esclarecer cedo as escolhas que serão caras de alterar.

O trabalho pode começar com algumas fotografias, uma planta e uma lista aproximada da coleção. Para instalar um armário no fim de um corredor, convém verificar primeiro se materiais e componentes passam nas escadas, no elevador e nas portas. Para converter uma divisão numa cave com acesso ao interior, é preciso avaliar a área útil, a localização dos equipamentos e a relação com os espaços vizinhos. Mesmo duas divisões de área semelhante, na mesma casa, podem exigir soluções, programação de obra e orçamentos diferentes em função da proximidade dos equipamentos, da alimentação elétrica e dos percursos de transporte.

À medida que a proposta se define, torna-se possível decidir o que fica à frente ou atrás, que materiais permanecem visíveis e onde os sistemas técnicos se encontram com os armários. Se mudar o modelo de um equipamento ambiental, por exemplo, será que o espaço previsto no teto continua suficiente? Terão de mudar também a alimentação elétrica, a drenagem, a dissipação de calor e o acesso de manutenção? Estas respostas não podem ficar apenas a cargo do fornecedor do equipamento. Integrá-las nos mesmos desenhos e especificações garante que as equipas seguintes trabalham sobre a mesma proposta.

Existe aqui um equívoco frequente: entregar uma divisão completa a uma equipa não significa que uma só fábrica produza tudo. A abordagem apresentada pela KIMBARRY é selecionar equipamentos, fabricantes e fornecedores especializados adequados a cada projeto, verificar materiais, configurações e requisitos de fabrico e organizar a execução no local. O cliente não precisa de levar um desenho dimensional do fornecedor de equipamentos de uma especialidade para outra, confrontando marcenaria, acabamentos e instalação. As escolhas que lhe cabem continuam a ser as que dizem respeito ao seu uso: capacidade, facilidade de utilização e onde vale a pena investir mais.

O orçamento segue a mesma lógica. Para poupar, pode comparar-se a redução de um conjunto de expositores com a alteração de um acabamento; não convém eliminar primeiro o espaço de manutenção necessário e tentar recuperá-lo depois. Por vezes, não ocupar desde logo toda a divisão permite concentrar o investimento nas necessidades atuais e reservar espaço para futuras aquisições. Quando armazenamento, exposição e convívio coexistem, o proprietário deve definir a prioridade do orçamento com base na frequência real de utilização.

Na entrega, as fotografias podem ficar como recordação, mas devem permanecer também a configuração dos equipamentos, as instruções de utilização, os acessos de manutenção e os critérios de receção acordados. Num projeto comercial, importa considerar se quem assume a gestão acompanhou a obra; num projeto privado, o proprietário deve saber onde verificar e o que observar sem ter de procurar no histórico das conversas da construção. Como empreiteiro geral que lidera o projeto, a KIMBARRY

assume a coordenação global e a responsabilidade pela entrega. O âmbito exato e os elementos a entregar são definidos na proposta e nos acordos do projeto. Esclarecer isto antes da contratação e da entrada em obra é mais útil do que procurar cada interveniente depois de tudo concluído.

A partir de Shenzhen, começamos pela sua divisão

O estúdio da KIMBARRY situa-se em Shenzhen. O site disponibiliza também um contacto para projetos noutras cidades. Quer se trate de uma remodelação local, de uma execução à medida noutra região ou de um projeto no estrangeiro, as primeiras informações são as mesmas: localização, fase da obra, condições do espaço, coleção a guardar e articulação entre execução local e manutenção posterior. O que puder ser discutido à distância é tratado primeiro; o que exigir observação presencial fica para a visita. O objetivo é transformar cedo a pergunta «é possível?» em «como deve ser feito neste espaço?».

Não é necessário ter escolhido um estilo antes do primeiro contacto com a KIMBARRY. A conversa pode começar por um problema ainda por resolver: depois de guardar cem garrafas, sobra lugar para uma mesa? Como expor algumas peças recentemente adquiridas sem reflexos no vidro? Poderá uma parede vazia da casa dar lugar tanto aos objetos de uso corrente como aos que se deseja preservar? Uma fotografia do local e a descrição do que realmente se pretende fazer tornam a conversa concreta.

Uma fila de garrafeiras organiza garrafas. Um espaço de coleção pensado para pessoas dá lugar a diferentes vontades: ver uma peça todos os dias, ter outra ao alcance da mão, mostrar outra com tempo aos amigos. Voltando ao início, a situação ideal é simples: a cadeira afasta-se e continua a haver passagem atrás; alguém fica sentado, outra pessoa vai buscar uma garrafa e ninguém precisa de se levantar apenas por causa da disposição da sala.

É isto que a KIMBARRY procura fazer bem desde as primeiras garrafeiras até aos espaços de coleção privada: dar lugar ao que se estima e cuidar de quem o coleciona.

Contactar a KIMBARRY

Contactar a KIMBARRY WhatsApp +86 186 8155 8730 kimbarry2857@gmail.com